

## **UMA ANÁLISE SOBRE O “PROJETO DE NAÇÃO BRASILEIRO” A PARTIR DA MASCULINIDADE NO FUTEBOL<sup>1</sup>.**

Celso de Brito<sup>2</sup>

### **Resumo**

*O presente texto tem por finalidade analisar o estudo realizado por Souza, em 1996, na Universidade Nacional de Brasília e extrair elementos que possam estabelecer diálogo com questões relacionadas ao Parentesco. Tratarei especificamente da discussão realizada pelo autor sobre a masculinidade existente no futebol enquanto projeto de construção da imagem ideal da Nação buscando articular, tanto teorias que o autor não considerou em sua análise, quanto acontecimentos atuais do universo futebolístico, propondo que o futebol seja uma representação de um projeto de “Nação Ideal” como defende Souza, mas também uma simbólica de um projeto de Nação “ameaçado”.*

**Palavras-chave:** Futebol, Nação, Masculinidade

As teorias sobre gênero se desenvolveram e ganharam visibilidade a partir dos anos 60, primeiramente enfocando apenas os estudos sobre mulheres. À medida que os estudos se acumulavam ganhava evidência a necessidade de adequar a teoria de modo a dar conta de abordar o aspecto relacional dos gêneros. Se o que se buscava focar nas análises era a relação de poder entre os “gêneros”, as relações nas quais o poder se manifestava teriam que ser estudadas. É a partir de então que os estudos sobre masculinidades começam a obter espaço nos estudos sobre gênero (PSCITELLI, 2002).

Souza (1996) escreve sua dissertação no período em que a temática da masculinidade começava a ganhar notoriedade no contexto brasileiro. O autor predispõe-se a realizar uma análise sobre o futebol baseado em discursos construtores da imagem da nação de modo a superar e aprofundar os discursos essencialistas com que a questão vinha sendo tratada anteriormente.

O futebol é entendido por Souza (1996) de três formas diferentes: como esporte, como jogo e como espetáculo. Como esporte o futebol seria uma prática institucionalizada e regrada; como jogo, o futebol se caracterizaria pela sua imprevisibilidade mais adequadas ao *ethos* brasileiro vinculado ao jogo de azar, a capoeira, ao samba e a malandragem; derivado da importância do jogo de azar e do *ethos* brasileiro inclinado a jogos de azar, o futebol adquiriu uma esfera espetacular, com o qual a grande maioria dos brasileiros mantém algum tipo de vínculo, seja jogando ou assistindo.

Souza (1996) atribui ao futebol, e ao esporte de modo geral, uma importante função para o equilíbrio social das sociedades modernas na medida que possibilita processos catárticos das pulsões humanas, que foram gradativamente reprimidas durante o decorrer do processo civilizatório (Norbert Elias). O futebol é, portanto, um espaço institucionalizado para que os indivíduos possam extravasar agressividade e violência latentes.

Além dessa qualidade mimética do futebol, o autor faz uso de escritos de Freud para dizer que o futebol serviria para desviar a atenção dos jovens dos impulsos sexuais,

<sup>1</sup> Agradeço ao professor Miguel Carid pelas discussões por ele oferecidas durante as aulas da disciplina “Organização Social e Parentesco” do PPGAS-UFPR, das quais surgiu a reflexão aqui apresentada.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social- UFPR

servindo como meio de sublimação. Os argumentos nesse sentido vão se acumulando por toda a discussão sobre a relação entre o futebol e a masculinidade: o ataque no futebol seria uma simbólica da “conquista sexual do corpo feminino” (p. 50), o arco do gol seria um símbolo da vagina (p. 53), etc.

É interessante o modo com que Souza (1996) explica a imprevisibilidade existente no futebol dizendo que, nas sociedades ocidentais, as partes do corpo localizadas abaixo do umbigo são menos hábeis em relação à parte superior, pois as habilidades desenvolvidas por pernas e pés são exclusivamente as atividades vinculadas à mobilidade, ao contrário do que acontece com os braços e mãos que servem para o “manuseio” de objetos com maior precisão. Diz que essa divisão geográfica do corpo é significada sexualmente, sendo o pé associado à virilidade e masculinidade e as mãos à feminilidade.

Baseado no complexo da honra e vergonha mediterrâneo, Souza diz que o futebol seria um campo onde a honra masculina seria um valor defendido a todo custo, inclusive com altas doses de violência.

Com esses argumentos, Souza demonstra que a predominância do homem no futebol se deve a uma construção cultural no qual o projeto de “Nação” é representado, desse modo, o papel ativo que homem representa no futebol seria a representação do seu lugar no projeto de Nação brasileira.

Sendo o homem o principal ator nesse projeto torna-se necessário identificar e isolar o homossexual e a mulher desse contexto.

Para ocupar o papel do homossexual, as figuras ambíguas do juiz e do goleiro seriam adequadas, pois se encontram numa posição intermediária: o juiz não é nem jogador nem não jogador e o goleiro joga com o pé e também com a mão<sup>3</sup>. Ambas as figuras, seriam facilmente feminilizadas quando apresentassem comportamentos inadequados, nesse sentido a feminilidade aparece como sinônimo de incapacidade e inabilidade. As mulheres seriam coadjuvantes, meras espectadoras esporádicas do futebol por acompanhar seus maridos ou namorados, ou simplesmente como quem fornece condições para que seus maridos ou namorados participem do espetáculo em boas condições, porém sempre como alguém sem autoridade para participar das discussões a respeito de futebol.

O gol é entendido como representação de uma mulher: o gol que se defende seria a o órgão sexual de uma irmã, assim como o gol que se pretende atingir, seria um órgão sexual desejado. Nesse sentido, o goleiro é o responsável pela defesa do que é mais importante: o familiar.

Continuando com a metáfora da batalha<sup>4</sup> para entender o futebol, Souza (1996) afirma que o campo de defesa também é simbolizado como uma Nação em tempos de guerra de modo que “a associação com guerra, além de salientar a construção da Nação, reforça o apelo sexual masculino” (SOUZA, 1996, p. 53).

Constrói-se a representação da Nação como mulher casta, submissa e zelosa, que deve ser defendida por um homem: “deve casar-se’ com o cidadão homem” (54).

Nota-se agora um vínculo entre o projeto de Nação e a heterossexualidade. Se seguíssemos os rastros de Rubin, entenderíamos o isolamento de homossexuais e dominação das mulheres (tanto no futebol brasileiro quanto no projeto de Nação) como consequência de uma divisão sexual do trabalho instaurada com o “tabu do incesto” e com

<sup>3</sup> Podemos entender a figura do goleiro, pela sua ambigüidade, enquanto um personagem tanto perigoso, quanto heróico (Mary Douglas, 1976).

<sup>4</sup> Batalha mimética (Elias, 1992).

a “troca de mulheres” estabelecida entre homens (Lévi-Strauss, p.1976) que, por sua vez, gerou o gênero e alianças sociais entre os homens (receptores e doadores) mediante o casamento exogâmico, dotando esses de poder em relação as mulheres que teriam sido meros objetos de troca. Para Rubin, essa estrutura se perpetuou subjetivamente através do complexo de Édipo possibilitando a continuidade de uma cultura heterossexual, entretanto Butler (2003) nos mostra que

Embora possamos ser tentados a dizer que a heterossexualidade assegura a reprodução da cultura e que a patrilinearidade assegura a reprodução da cultura na forma de um todo reproduzível em sua identidade através do tempo, também é verdade que o preconceito de uma cultura como uma totalidade auto-sustentável e auto-replicável apóia a naturalização da heterossexualidade [...] (P. 253).

Mediante uma análise guiada pela perspectiva do parentesco, o projeto de Nação que o futebol representa seria uma das esferas culturais que apóia a naturalização da heterossexualidade: “o futebol está para o adulto masculino como o jogo de mamãe para as meninas: um jogo pedagógico que ensina a manter tudo em seu próprio lugar” (SOUZA, p. 46).

Pensadas como diferenças impostas pela natureza, a distinção entre o masculino e o feminino no futebol são metáforas para a naturalização da personalidade nacional. Assim, o lugar e o valor ocupado por homens e mulheres nas ideologias nacionalistas transmitidas pelo futebol brasileiro indicam que a construção da nação se utiliza das hierarquizações contidas nas relações entre gêneros para estabelecer que “tipo” de cidadania é pensada para cada sexo (p. 54-5).

Contudo Butler (2003) e Strather (1995) mostram como a tecnologia de reprodução vem alterando as formas de relacionamento e questionando a heterossexualidade instaurada nas instituições ocidentais. Mostram como têm surgido reivindicações que afrontam a lógica da heterossexualidade mediante a polêmica do “Nascimento Virgem” e das reivindicações em torno da questão do “Casamento Gay”.

Nesse sentido podemos citar dois acontecimentos recentes no futebol brasileiro: o caso Richarlyson, do Esporte Clube São Paulo e a proliferação de mulheres praticantes de futebol.

Atualmente, as mulheres têm galgado um espaço considerável no âmbito do futebol brasileiro e mundial, inclusive representando Nações em Olimpíadas e campeonatos mundiais. Apesar de seu sucesso e reconhecimento, ou antes, justamente por isso, as jogadoras são referidas por comentaristas esportivos como “masculinizadas”.

O caso de Richarlysson é mais interessante. O jogador foi chamado de homossexual por um dos dirigentes da Sociedade Esportiva Palmeiras e tentou processá-lo alegando difamação. O caso se tornou emblemático pelo fato de que o Juiz responsável pelo processo se negou a levar a cabo o processo e se pronunciou dizendo que futebol é coisa para homem, e que se Richarlysson fosse realmente homem teria resolvido a questão de forma mais direta e não precisaria levar o caso para um juiz (processo n° 936/07, em anexo).

De certa forma as mulheres e os homossexuais têm se inserido no futebol brasileiro de forma mais nítida nos últimos anos (vide o caso dos juízes assumidamente homossexuais, como o Margarida), entretanto, o senso comum, mediante preconceitos, mantém uma aversão a tal possibilidade, lembrando sempre que futebol é coisa de “homem” e que mulher e homossexual não são bem vindos aos gramados.

Se considerarmos a teoria de Dummont sobre hierarquia/individualismo poderíamos entender esse fenômeno de modo mais claro.

Dummont (1992) faz uma distinção entre sociedades organizadas em torno da idéia de hierarquia e sociedades organizadas em torno da idéia de individualismo. Em sociedades onde a hierarquia organiza as relações sociais há uma complementaridade entre as partes, já as sociedades organizadas em torno da idéia de indivíduo há uma maior ênfase à liberdade e à igualdade entre os indivíduos. Ambas construções são sócio-culturais, porém tidas como características naturais em seus respectivos focos de funcionamento: na Índia a hierarquia é naturalizada tanto quanto o individualismo é naturalizado nas sociedades Ocidentais. Todo o aparato jurídico de sociedades Ocidentais é fundamentado no indivíduo como um valor relativo à igualdade e à liberdade.

Alguns autores como DaMatta (1984) e Machado (2004) analisam a especificidade da organização social brasileira baseados nessa relação hierarquia/individualismo.

Para a presente análise farei referência ao estudo de Machado (2004) por ser ele especificamente baseado nas relações entre homens e mulheres.

Machado (2004), em seu estudo "Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea" analisa a articulação entre valores hegemônicos do masculino e os valores inscritos no exercício da violência física, enfocando os valores tradicionais da construção social do homem brasileiro e as tendências de uma "alta modernidade".

Para a autora os homens brasileiros constroem sua masculinidade em meio a valores contraditórios: uma "lógica relacional de honra" que dita que os homens devem proteger e controlar suas mulheres e valores do "individualismo de direito" que dotam a mulher de certa liberdade e igualdade. A lógica relacional de honra, instaurada no imaginário dos homens brasileiros, como elemento de longa duração, dita as regras de sociabilidade entre homens e mulheres pautadas numa relação hierárquica.

Souza (1996) mostra como essa lógica hierárquica funciona no futebol:

Às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. As mulheres talvez acompanhem o futebol em função de que homens próximos (marido, pai, irmão, namorado etc) o fazem. Essa é a posição desejável para o feminino prescrita, através do futebol, como exigência para uma unidade viável da totalidade composta por homens e mulheres na construção da nação (p. 48).

Essa lógica contrasta com a lógica moderna do individualismo de direitos, recentemente instaurado por movimentos feministas entre algumas classes privilegiadas dos brasileiros, atingindo os esportes.

O conflito de relações de gênero instaurado no futebol brasileiro contemporâneo representaria o mal-estar resultante dessa construção contraditória envolvendo uma "lógica relacional de honra" de longa duração (hierarquia) e um "individualismo de direito" recém instaurado no Brasil em torno do movimento feminista. No caso Richarlysson, o movimento gay não demorou em entrar com um processo contra o Juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho.

Vemos, no trabalho de Souza (1996), uma crítica em relação aos trabalhos sobre futebol realizados antes se sua análise, os entendendo como discursos homogeneizantes da cultura brasileira. Souza analisa esses trabalhos enquanto discursos que dizem sobre um projeto de Nação brasileira. Contudo, penso que o próprio trabalho de Souza pode ser

entendido como mais um dos discursos agindo em prol de uma naturalização, mas não em relação à masculinidade em si, mas sim de uma heterossexualidade compulsória.

Nesse sentido, entendo o futebol, assim como o trabalho de Souza, enquanto discurso fortalecedor de preconceitos em torno da heterossexualidade existente no projeto de Nação, a partir dos quais torna-se possível entender a forma com que um conflito entre hierarquia e individualismo existente na cultura brasileira contemporânea ativa discursos protetores de um projeto de Nação, recusando a possibilidade de novas formas de organização parental.

## **ANEXO**

### **Processo n° 936/07**

Em 5 de julho de 2007, Faço estes autos conclusões ao Dr. Manuel Maximiano – Juiz Criminal da Câmara da Capital.

Eu, Ana Maria R.Goto, Escrevente, digitei e subscrevi.

A presente queixa-crime não reúne condições de prosseguir.

Vou evitar um exame perfunctório, mesmo porque é vedado constitucionalmente, na esteira do artigo 93, inciso (IX), da carta Magna.

1. Não vejo nenhum ataque do querelado ao querelante.
2. Em nenhum momento o querelado apontou o querelante como homossexual.
3. Se o tivesse rotulado de homossexual, o querelante poderia optar pelos seguintes caminhos:
  - 3.A - não sendo homossexual, a imputação não atingiria e bastaria que, também ele, o querelante, comparecesse no mesmo programa televisivo e declarasse ser homossexual e ponto final;
  - 3.B - se fosse homossexual, poderia admiti-lo, ou até omitir, ou silenciar a respeito. Nesta hipótese, porém, melhor seria que abandonasse os gramados... Quem é, ou foi, BOLEIRO, sabe muito bem que estas infelizes colocações exigem réplica imediata, instantânea, mas diretamente entre o ofensor e o ofendido, num "TÈTE-À-TÈTE"Trazer o episódio à Justiça, outra coisa não é senão dar dimensão exagerada a um fato insignificante, se comparado à grandeza do futebol brasileiro. Em Juízo haverá audiência de retratação, exceção da verdade, interrogatório, prova oral, para se saber se o querelado disse mesmo...e para se aquilatar se o querelante é, ou não...
4. O querelante trouxe em arrimo documental, suposta manifestação do "GRUPO GAY", DA BAHIA (FOLHA 10) em conforto a posição do jogador. E também suposto pronunciamento publicado na Folha de S.Paulo, de autoria do colunista Juca Kfourri (folha 7), batendo-se pela abertura, nas canchas de atletas com opção sexual não de todo aceita.
5. Já que foi colocado como lastro, este Juízo responde: futebol é jogo viril, varonil, não homossexual. Há hinos que consagram essa condição: "OLHOS ONDE SURGE O AMNHÃ, RADIOSO DE LUZ, VARONIL, SEGUE SUA SENDA DE VITÓRIAS...". [trecho do hino do Sport Clube Internacional, de Porto Alegre (RS)]
6. Está situação incomum do mundo moderno, precisa ser rebatida...

7. Quem se recorda da "COPA DO MUNDO DE 1970", quem viu o escrete de ouro do jogador (Félix, Carlos Alberto, Brito, Everaldo e Piazza; Clodoaldo e Gerson; Jairzinho, Pelé, Tostão e Rivelino), jamais conceberia um ídolo seu como homossexual.
8. Quem presenciou grandes orquestras futebolísticas formadas: Sejas, Clodoaldo, Pelé e Edu no Peixe; Manga, Figueroa, Falcão e Caçapava, no Colorado; Carlos, Oscar, Vanderlei, Marco Aurélio e Dica, na Macaca; dentre inúmeros craques, não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol.
9. Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas, forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si.
10. O que não se pode entender é que a Associação de Gays da Bahia e alguns colunistas (se é que realmente se pronunciaram neste sentido) teimem em projetar para os gramados, atletas homossexuais.
11. Ora, bolas, se a moda pega, logo teremos o "SISTEMA DE COTAS", forçando o acesso de tantos por agremiação...
12. E não se diga que essa abertura será de idêntica proporção ao que se deu quando os negros passaram a compor as equipes. Nada menos exato. Também o negro e, homossexual, deve evitar fazer parte de equipes futebolísticas de héteros.
13. Mas o negro desvelou-se (e em várias atividades) importantíssimo para a história do Brasil: o mais completo atacante, jamais visto, chama-se Edson Arantes do Nascimento e é negro.
14. O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal...
15. Para não se falar no desconforto do torcedor, que pretende ir ao estádio, por vezes com seu filho, avistar o time do coração se projetando na competição, ao invés de perder-se em análise dos comportamento deste, ou aquele atleta, com evidente problema de personalidade, ou existencial; desconforto também dos colegas de equipe, do treinador, da comissão técnica e da direção do clube.
16. Precisa, a propósito, estrofe popular que consagra:  
"CADA UM NA SUA ÁREA, CADA MACACO EM SEU GALHO, CADA GALO EM SEU TERREIRO,  
CADA REI EM SEU BARALHO".
17. É assim que eu penso...e porque penso assim, na condição de Magistrado, digo!
18. Rejeito a presente queixa-crime. Arquivam-se os autos. Na hipótese de eventual recurso em sentido estrito, dê-se ciência ao Ministério Público e intime-se o querelado para contra-razões.  
(São Paulo, 5 de julho de 2007. Manoel Maximiano Junqueira Filho, Juiz de Direito titular).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?** Campinas, Pagu (21), 2003.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- DUMONT, Louis. **Homo Hierarquicus.** São Paulo: Edusp, 1992.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**, Lisboa: Difel, 1992.
- FREITAS, Lígia Luís de l. **Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física.** PMJP, GE: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1976.
- MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raissa (Org.). **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo, 2004.
- PISCITTELLI, Adriana. **(Re)criando a categoria mulher?** Campinas: Pagu, 2002.
- RUBIN, Gayle. **Tráfico de mulheres:** notas sobre a economia política do sexo. SOS-Corpo de Recife, março de 1993.
- SOUZA, Marcos Alves de. **“A ‘Nação Em Chuteiras’: Raça E Masculinidade No Futebol Brasileiro”.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília – não publicada, Brasília, 1996.
- STRATHERN, Marylin. **Necessidades de pais, necessidade de mães.** Revista Estudos Feministas, 1995; 3:303-29.